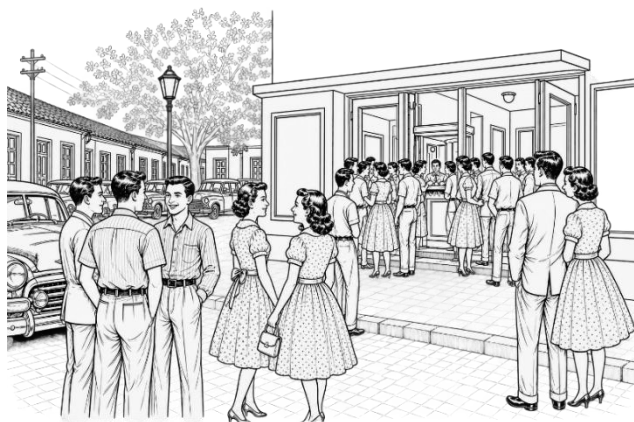


ESCURINHO DO CINEMA



Cinema: para namorar

Era ponto de encontro, era tudo

Salto alto, trem, cinema

A gente se arrumava, como se fosse para o baile

As matinês no Cine Ourinhos

Era um ritual, que já começava ao sair de casa

Cinema, estreia sem graça

A expectativa, a festa estragada



O cinema: para namorar

Ana Lúcia Chiaradia

O cinema em si, tento me lembrar e me vem à mente aquela porta pantográfica dos elevadores franceses maravilhosos e que até hoje funcionam.

A bilheteria era em uma casinha tipo guarita.

Daí, tinha aquele senhor, o Gestapo, que recolhia os bilhetes e jogava em uma espécie de urna.

A entrada era um vasto espaço. Do lado direito ficava o escritório do seu Romeu. À esquerda, a bombonière da dona Glorinha e sua famosa bala. Tinha um balcão onde a Odete servia os refrescos, também domésticos, preparados pela dona Glorinha.

Uma escada larga, cortinas e o salão. O espaço retangular era dividido em quatro blocos de assentos. A 'turma' ficava no quadrante da frente à direita, ao lado do banheiro feminino. A tela, antes do início do filme, era coberta por uma espécie de cortina onde apareciam as propagandas locais. Essa cortina me encantava.

Antes do início da sessão, esse sim, era o momento importante.

Alguns meninos ficavam de pé encostados à parede, esperando escurecer.





Era gradual, esse apagar de luzes.

Depois, iam sentar onde as namoradas estavam “guardando” o lugar. Coitado do Tufi. Esse era o momento de muito trabalho. Era um alvoroço só. E a lanterninha funcionava.

Costumávamos presentear nossos eleitos com bilhetinhos que levavam poesias de Augusto dos Anjos, do J.G. de Araújo Jorge e outros desse estilo.

Essa 'mágica' para minha turma terminou acho que por dois fatos. Começávamos a namorar 'sério' e o balcão, o chamado “lá em cima”, antes mal-visto, foi reformado e elevado a grande status, com poltronas confortáveis e bilhetes numerados.

Aquilo de “guardar lugar” não era mais necessário. Os bilhetes eram comprados com antecedência e os lugares escolhidos.

Tudo isso acabou com aquele tempo que deixa até hoje um sabor 'de quero mais'.

Mas foi bom!





Salto alto, trem, cinema

Cidinha Teixeira de Freitas

A gente se arrumava com gosto para a sessão das cinco e meia do domingo no Cine Ourinhos.

Meias finas, salto alto, vestido rodado, cabelo armado com ajuda de laquê.

Nossa casa era prá baixo da linha. A gente tinha que atravessar os trilhos, para chegar no cinema.

No caminho, alguns trechos eram calçados com pedra, outros já tinham asfalto. A gente se equilibrava nos dois, com aquele salto. E torcia para não haver nenhum trem manobrando ali na passagem de nível da rua Antônio Prado. Se não tivesse trem, o trabalho era mais simples: bastava se equilibrar naquelas pedrinhas que havia entre os trilhos.

Se tinha trem, os meninos se metiam pelo meio dos vagões. Mas nós, nobres donzelas, tínhamos que esperar. Cuidando da roupa, do penteado, da pose.

Afinal, depois do cinema a gente ainda tinha que dar umas boas voltas na praça e, quem sabe, até arrumar uns flertes, a paquera naquele tempo.





As matinês no Cine Ourinhos

Lisandre Castello Branco

Desde o caminho, sempre ansiosa: comprar a 1/2 entrada, passar pelo olhar do Arlindo, e, mais lentamente, ir olhando quem estava.

Era o lado direito que importava.

Acomodar-me, em geral sozinha, mas às vezes, com amigas. Enquanto havia luzes também havia sons de conversas e risadas. No escuro, silêncio reverencial para a música de abertura: “Um lugar ao sol”.

Jornal com notícias antigas e atenção atenta.

Trailers de filmes na fila.

Enfim o filme e a licença para os pares se juntarem. E descobertas de atores, trilhas, direção, fotografia e os figurinos da Edith Head.

Por tantas lembranças, me encontro, mais uma vez, fascinada, na matinê em Ourinhos.





Cinema, estreia sem graça

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Estava me sentindo muito importante, ia finalmente saber o que era esse tal de cinema! Domingo à tarde. Uma turminha de meninas, todas as primas, indo ao cinema!

Eu, a mais nova delas, com 8 ou 9 anos, indo pela primeira vez! Vestidinho novo, sapatinho de verniz, meia soquete, laço nos cabelos!

Dizer que estava alegre era pouco, era o melhor dia da minha curta vida! Tagarelamos da Vila Perino até o grandioso Cine Ourinhos, na rua 9 de Julho!

Que lugar lindo, chique.

Procuramos nossos lugares, depois de uma fila formada por uma molecada barulhenta! Apagaram-se as luzes, começaram as propagandas, o Canal 100, e eu lá, extasiada com aquelas imagens! Imagina o que isso significava para uma menina que nunca tinha visto nem tela pequena de TV. Imagine tela grande.

Começa o filme.

- Preciso ir ao banheiro! Vamos comigo?

Todas se levantaram para o passeio ao banheiro.





Cinema, estreia sem graça...

- Ah, mas é melhor marcar o lugar, senão, quando a gente voltar, vai estar ocupado.

Tá bom, cada uma deixou alguma coisa para marcar: um lenço, uma bolsinha, uma carteira. Fomos todas juntas!

Quando voltamos, os lugares lá estavam vazios mesmo. Levaram tudo, inclusive minha bolsinha novinha, com alguns trocados!

O domingo terminou em choros e lamentações! E ainda querem que eu lembre qual era o filme!

